

# O resgate de Roma

Romance épico conta a história de um grupo de bravos guerreiros dispostos a lutar por sua cidade e resgatar o jovem imperador capturado pelos bárbaros



Não foi nenhuma surpresa descobrir que o autor Valerio Massimo Manfredi já vendeu os direitos desta obra para uma futura adaptação cinematográfica.

O ritmo de *A Última Legião* praticamente implora por um filme: imagens de um belo épico se desenrolam automaticamente na cabeça do leitor à medida

que as páginas vão avançando.

O ano é 476, era cristã. O lugar, o antigo Império Romano. O imperador do Ocidente (será o último) é Rômulo Augusto, de apenas 13 anos.

O jovem, no entanto, mal “esquentou” o trono. A mando do general bárbaro-germânico Odoacro, o terrível Wulfila mata os pais do garoto na sua frente e o aprisiona. A vida de Rômulo só é poupada por razões estratégicas. Afinal, naquela época os chamados povos bárbaros já dominavam na prática a maior parte do império e podiam se dar ao luxo de começar a pensar politicamente. Como não queriam despertar a hostilidade de Constantinopla (sede do império no Oriente), nem a ira do povo, nem a antipatia do clero cristão, eles acabaram optando por poupar Rômulo e exilá-lo em um local de difícil acesso. Assim, o povo nunca mais se lembraria dele - e, por extensão, do Império Romano.

O rapaz é enviado então à ilha de Capri na companhia de Ambrosinus, seu velho mestre e protetor. Enquanto isso, Aurélio, líder guerreiro da legião Nova Invicta, tenta satisfazer o último pedido do pai de Rômulo, Orestes, que lhe dirigiu as suas últimas palavras: “Salva o meu filho, salva o imperador. Se ele morrer, Roma morre. E se Roma morre, tudo está perdido”.

A Nova Invicta é a última das legiões que, no passado glorioso, defendiam bravamente o império e a vida do soberano de Roma. Aurélio parte com o objetivo de

resgatar de qualquer maneira Rômulo, para ele o verdadeiro César.

A missão é mais do que ambiciosa: é uma loucura. A princípio, Aurélio conta apenas com a sua própria coragem e lealdade incondicional aos ideais da civilização romana. Depois passa a ter a ajuda de Lívia Prisca, destemida guerreira que vive em uma espécie de mangue - que, pasmem, se tornará no futuro a cidade de Veneza. Ela surge na história ao salvá-lo de uma emboscada feita por soldados bárbaros. Mais tarde, ambos conseguem libertar os sobreviventes da Nova Invicta, que haviam sido escravizados por Odoacro. Todos são amigos de Aurélio e são tão destemidos quanto confiáveis. O grupo rebelde aumenta, mas ainda assim a missão é terrivelmente arriscada.

O próprio Rômulo, pela pouca idade e também por ter perdido os pais de forma tão violenta, parece conformado com o destino miserável que os bárbaros lhe haviam reservado. Destino esse completamente diferente do que imaginava ter ao ser sagrado imperador de Roma em um belo banquete, havia tão pouco tempo. Atolado em um marasmo depressivo, suas perspectivas só mudam quando, por acaso, ele encontra em um esconderijo em Capri a mítica espada perdida de Júlio César - a mesma que subjogou galos, germanos, egípcios, sírios, numídeos e iberos no passado. A fantástica arma lhe desperta o instinto de nobreza e o amor a Roma, e é com ela que o pequeno imperador pretende lutar até vingar a morte de seus pais.

Ao narrar a gigante aventura desse pequeno grupo, *A Última Legião* traz uma impressionante reconstituição da Roma antiga. As batalhas são emocionantes e a descrição das cidades e paisagens históricas é riquíssima - o autor Manfredi é perito em civilizações antigas e chefou numerosas expedições científicas e escavações, na Itália e em vários outros países. O leitor fica até com vontade de procurar um mapa da Europa daquele tempo para melhor acompanhar a saga de Aurélio, “o último dos romanos”.

Aliás, o ponto de vista da história é definitivamente romano, mas intervenções críticas e esclarecedoras

aparecem - principalmente por conta do sábio e místico personagem Ambrosinus. Também é importante, nesse sentido, uma perturbadora frase de Odoacro: “Bárbaros, é assim que nos chamam, como se de fato fôssemos melhores, quando na verdade não passais de uma raça acabada por séculos de vício, de poder e de corrupção”.

Além dos detalhes sobre os costumes da época, o livro mostra de forma bastante clara e acertada as razões que levaram Roma ao declínio e depois à queda. Difícil não recomendar essa leitura aos estudantes.

A aventura dos bravos legionários é temperada pela ardente história de amor entre Aurélio e Livia. Também atravessam a história várias questões psicológicas interessantes: o incômodo mistério que

envolve o passado de Aurélio, a independência total e até assustadora pela qual Livia se modelou como pessoa, o sentimento que o pequeno imperador começa a experimentar ao ver os bravos e amigos guerreiros padecendo terrivelmente por sua inteira “culpa”, o fim de toda uma era e o reflexo disso nas pessoas, entre outras.

E somente no final da narrativa o leitor fica sabendo que a história acompanhada com tanta expectativa é a origem de um dos maiores mitos europeus - muitíssimo conhecido. É a última cartada do autor: criativa, surpreendente, bastante lógica e muito bem-humorada. ♣

### A Última Legião

Valerio Massimo Manfredi  
Editora Rocco / 396 págs.

## Trecho da obra

Divulgação

“O grupo desapareceu no interior e a grande laje fechou-se atrás deles. O estrondo das armas que se chocavam contra o mármore e os gritos raivosos de Wulfila ecoaram logo a seguir no pequeno hipogeu, e apesar da espessura do grande monólito representar uma defesa inexpugnável, o ressoar dos golpes da sua ira selvagem enchia aquele espaço limitado de uma angústia opressora, condensava naquele ar parado uma ameaça impotente mas ainda assim terrivelmente presente. Por alguns momentos todos ficaram olhando uns para os outros aflitos, mas então Rômulo indicou o poço do qual vinha um misterioso reflexo azulado, como se aquela abertura estivesse em contato com o além.

- Este poço dá diretamente para o mar - explicou então Rômulo. - É a nossa única saída. Vamos embora, não há mais nada que possamos fazer aqui. - E diante do olhar atônito dos companheiros, antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, desapareceu na boca do poço. Aurélio não pensou duas vezes e foi atrás dele. Depois foi a vez de Livia e, depois dela, Demétrio, Osório, Vatreño. Ambrosinus foi o último, e primeiro a longa derrapagem numa espécie de plano inclinado e depois a queda vertical através de uma estreita abertura pareceram-lhe nunca mais acabar. O contato com a água deu-lhe uma sensação de pavor e de sufocação mas, então, logo a seguir, de paz e tranquilidade.(...) A tocha que segurava



escorregou da sua mão e afundou lentamente até pousar no fundo, e o globo luminoso acendeu as águas de um azul intenso e brilhante, como que de safira. Lançou-se para cima com força e conseguiu vir à tona entre os companheiros que já tentavam alcançar a margem. Estavam dentro de uma gruta que se comunicava com o mar através de uma pequena abertura tão rente à superfície das ondas que era quase impossível de se ver. Aurélio e os demais olhavam incrédulos para aquela chama que ardia embaixo da água, mas Ambrosinus também olhava em volta com os olhos cheios de maravilha. Vatreño aproximou-se indicando a luz que parecia surgir do próprio fundo do mar.

- Mas... que espécie de prodígio é esse? És um mágico?

- Fogo grego, uma fórmula de Hermógenes de Lampsaco - respondeu Ambrosinus com ostensiva displicência. - Continua queimando debaixo d'água.”



Reprodução

Sucesso na Itália, *Baunilha e Chocolate* conta o fim de um casamento. Mas já na orelha do livro o leitor é informado de que Penelope e Andrea, os protagonistas, acabarão juntos no final.

Cansada de ser traída sistematicamente, e do vazio existencial de sua vida, Penelope

(Pepe) se revolta e parte para um período de reflexão. Ela se refugia na antiga casa de sua avó no litoral e deixa os três filhos com o marido em Milão, para que ele aprenda na marra a dar conta de tudo e de todos - como ela faz todos os dias.

Começam a ser narradas as lembranças de Pepe, a adolescência difícil de Andrea e a história dos dois. A autora descreve muito bem as pequenas e grandes coisas do cotidiano e da vida que destroem, com o tempo, uma relação. Mas a oportunidade de fazer desse precioso relato uma história de superação, amor próprio e mudança é, infelizmente, desperdiçada. O livro acaba fazendo do casamento dos dois uma instituição indestrutível, mesmo que para isso seja preciso torturar os fatos e eventualmente a inteligência do leitor.

Exemplo disso é o que ocorre com o médico Raimondo, homem maravilhoso por quem Pepe se

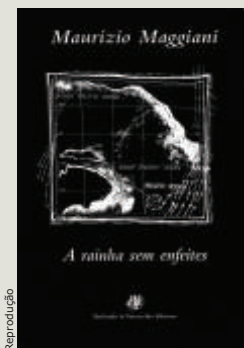
apaixona, ainda casada. Os dois vivem uma linda história, um verdadeiro romance, no qual ela é indispensável não por sua eficiência como babá, mãe postíça e criada do homem, mas por ser amada como mulher. Milagrosamente, a história acaba no seu ponto mais alto - e Raimondo ainda é “punido” pelo destino.

Pepe e Andrea continuarão juntos graças à esperança de que esse relacionamento passe a ser tudo o que não foi em 18 anos. Não deixa de ser perturbadora a ideia da autora - bem clara nas entrelinhas - de que encerrar um casamento é negligenciar os filhos e abandonar a família. Essa culpa infundada atormenta Pepe terrivelmente.

O casamento, então, deixa de ser uma opção de duas pessoas livres e que se amam de fato para se tornar uma provação, um martírio necessário, uma missão a ser mantida custe o que custar. “Sempre lhe haviam dito que uma união infeliz é ainda assim preferível a uma drástica divisão”, diz-se de Pepe a certo ponto da história. E assim foi.

### **Baunilha e Chocolate**

Sveva Casati Modignani  
Editora Record / 487 págs.



Reprodução

Nesta obra, o porto de Gênova é o centro de uma mitologia cujos heróis são os estivadores e carvoeiros. “Gente (...) acostumada a carregar o peso da responsabilidade como uma honra e um prêmio, gente pouco propensa a considerar as incertezas e sutilezas que movem a alma como algo diferente de uma dor de estômago ou de uma

esfoladura na mão.”

Percorrendo um século e três gerações, a história centra-se principalmente em Sascia, filha mais nova

de um casal vindo da Sardenha. Com 14 anos, a menina se vê órfã da mãe e abandonada pelo pai - depois pelos irmãos. Mas autopiedade é uma palavra que ela desconhece. Com habilidades manuais únicas, passa a trabalhar fazendo delicados envelopes de açafão para um pitoresco negociante local. Também por ser uma inventora nata, a moça nunca irá deixar de se garantir na vida daí em diante.

Aos 20 anos, Sascia se apaixona por Paride, trabalhador do porto tão nobre e endurecido pela vida quanto ela. O belo amor entre os dois é silencioso, discreto, maduro e intenso; desde o começo.



Pequena peça literária com capítulos bem curtos, o romance *Seda* já foi descrito pela crítica especializada como “uma pequena jóia de sensibilidade”. Não é exagero.

A narrativa começa na França de 1861. Conta a vida de Hervé Joncour, um militar que abandonou a carreira para se tornar comerciante de ovos de bichos-da-seda. Por causa de uma epidemia que passa a assolar as criações da região, ele é obrigado a procurar ovos saudáveis no Japão - na época um país absolutamente fechado para o mundo, mas não por muito mais tempo. A idéia de arriscar a viagem (que naquela época levava meses e tinha um itinerário inacreditável, repetido pelo autor várias vezes exatamente por isso) e reunir os recursos para viabilizá-la foi do visionário criador Baldabiu - personagem, aliás, sensacional.

As viagens não mudam Joncour como pessoa, mas transformam na prática a sua vida: “De vez em quando, nos dias de vento, descia até o lago e passava horas a olhar para ele, uma vez que, desenhado na água, parecia-lhe ver o leve, inexplicável, espetáculo que fora a sua vida”. Isso porque, apesar de viver uma relação sem qualquer sobressalto ou grandes emoções com a mulher (ou será justamente por

isso?), o comerciante se apaixona pela enigmática esposa ocidental de Hara Kei, o japonês que lhe vende os ovos. A cada viagem a curiosidade por aquela bela e misteriosa mulher aumenta, tomando conta do pensamento do viajante na volta.

A narrativa é elaborada pelo talentoso Baricco com muita sutileza e sensibilidade - pois só assim é possível dar conta da complexidade e subjetividade tanto da história quanto das personagens. O estilo do autor é enxuto e impactante. Um belo exemplo disso se dá quando ficamos sabendo o que corria na boca do povo, décadas depois, sobre Joncour: “Diziam que era um trambiqueiro. Diziam que era um santo”.

*Silk* é o nome do filme inspirado por esta obra. A película já está em fase de pós-produção e foi dirigida por François Girard. Michael Pitt (no papel de Joncour) e Keira Knightley (no papel de Héléne, mulher dele) fazem parte do elenco.

### **Seda**

Alessandro Baricco  
Editora Rocco / 103 págs.

Sascia e Paride têm um filho, Giacomo. Após trágicos acontecimentos na luta travada pelos portuários contra o nazifascismo, o rapaz, então com 15 anos, é enviado a um seminário por razões de segurança e se torna padre.

Em uma virada narrativa que lembra a literatura fantástica latino-americana, Giacomo é enviado como missionário pela Igreja Católica a uma remota ilha da Polinésia Francesa. Habitada por uma população gentil e de hábitos quase pré-históricos, a ilha será seu lar por dez anos.

O título do livro vem da mambembe rainha infante da ilha, que virá com Giacomo quando ele retorna à sua cidade natal. O leitor verá que essa rainha - assim

como a circunstância na qual ela chega a Gênova - realmente não tem mais enfeites de qualquer natureza. Mas caberia talvez a ressalva de que, se há uma rainha na história, ela é Sascia - personagem que é o melhor do livro.

*A Rainha Sem Enfeites* é o primeiro romance de Maggiani editado no Brasil. Recebeu em 1998 três prêmios literários italianos: Alassio, Stresa e Il Molinello.

### **A Rainha Sem Enfeites**

Maurizio Maggiani  
Editora Berlendis & Vertecchia / 461 págs.